

MOISÉS, MAIS DO QUE UM NOME: *Reflexões a respeito do nome de Moisés.*

MOSES, MORE THAN ONE NAME: *Reflections on the name of Moses.*

*Willibaldo Ruppenthal Neto*¹

RESUMO

O presente artigo visa analisar as tradições a respeito do nome de Moisés, estudando-as a partir do texto bíblico e à luz do contexto histórico do judaísmo do período helenístico. O artigo utiliza como fundamentação principal os estudos de Robert Duke e George H. Van Kooten a respeito do assunto, buscando problematizar, a partir destes referenciais, a possibilidade de outros nomes para Moisés.

Palavras-chave: *Moisés; Antigo Testamento; Êxodo.*

ABSTRACT

This article aims to analyze the traditions about Moses' name, studying them from the biblical text and in light of the historical context of the Judaism of the Hellenistic period. The article uses as main bibliography the studies of Robert Duke and George H. Van Kooten on the subject, trying to problematize, from these references, the possibility of other names for Moses.

Keywords: *Moses; Old Testament; Exodus.*

INTRODUÇÃO

Apesar de estarmos acostumados com o nome de Moisés, ele é um dos grandes enigmas do Antigo Testamento. É verdade que o livro de Êxodo apresenta uma explicação. Porém, para muitos, não é uma explicação suficiente. No relato bíblico, após a filha do

¹ Doutorando em História (PPGHIS/UFPR). Professor da FABAPAR e membro discente do NEMED/UFPR, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: willibaltoneto@hotmail.com



faraó tirar Moisés do cesto que estava no Nilo, percebe que é um menino hebreu e o entrega aos cuidados da própria mãe de Moisés, que o devolve à princesa depois de desmamado: “Sendo o menino já grande, ela o trouxe à filha de faraó, da qual passou ele a ser filho. Esta lhe chamou Moisés, e disse: Porque das águas o tirei” (Êxodo 2.10, ARA).

Segundo este texto, o nome “Moisés”² teria relação com o verbo hebraico *māshah*, “tirar”, tal como parece claro na explicação final: “Porque das águas o tirei”. Ao mesmo tempo, porém, não parece ser a mãe de Moisés quem lhe dá o nome, mas a princesa. Afinal, Moisés foi nomeado quando a princesa o recebeu de volta, quando, depois de “grande” (desmamado), passou a ser seu filho. Surge, então, um problema: por que uma princesa do Egito, filha do próprio faraó, colocaria um nome hebreu em seu filho³? Podemos contestar esta suposição por duas razões. Em primeiro lugar, os hebreus não eram somente outro povo, mas eram um povo de *escravos*, de modo que um nome hebreu seria um tanto quanto impróprio para um príncipe do Egito. Em segundo lugar, os nomes dos príncipes egípcios tinham importância fundamental na ideologia faraônica, indicando a *relação com os deuses*. Não é por acaso, portanto, que diversos faraós foram nomeados como Ramsés, por exemplo, que significa “filho de Rá”, ou ainda Tutmosis, que significa “filho de Tot”.

1. A ORIGEM DO NOME DE MOISÉS

É bem possível, portanto, considerando estas questões, que o nome de Moisés não fosse hebreu, mas egípcio⁴, tendo outro

² Tal nome se apresenta em inúmeras variações conforme as línguas, que o traduzem, a exemplo de Moisés, Mose, Moïse, Moshe, Moyses, etc. Cf. ZIOLKOWSKI, Theodore. *Uses and abuses of Moses: literary representations since the Enlightenment*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2016, p. xi.

³ Como indicado por Sigmund Freud: “Seria absurdo atribuir a uma princesa egípcia conhecimento de etimologia hebraica” (FREUD, Sigmund. *Moisés e a religião monoteísta*. Lisboa: Guimarães Editora, 1990, p. 18).

⁴ Esta tese ficou particularmente famosa por meio do livro *Moisés e a religião monoteísta* de Sigmund Freud (1990, p. 18ss), apesar do psicanalista seguir o estudo prévio de autores prévios como J. H.



motivo e, conseqüentemente, outro significado. Como bem indicado por Antônio Renato Gusso, se o nome de Moisés for de fato egípcio, pode significar “filho de”, estando apenas parcialmente completo. Isto fica bastante evidente quando se considera os hieróglifos dos nomes de Ramsés, Tutmosis, e uma possível composição para o nome de Moisés, conforme a tabela a seguir (tabela 1)⁵.

Composição	Nome	Significado
Ra – mes – es – su	– Ramsés	– Filho de Rá (a divindade solar)

Breasted. Cf. ZIOLKOWSKI, 2016, p. 6.

⁵ Para uma visão a respeito do desenvolvimento desta perspectiva, em contraste com outras, cf. por exemplo: GRIFFITHS, J. Gwyn. The Egyptian Derivation of the name Moses. *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 12, n. 4, Oct. 1953. p. 225-231; POWIS SMITH, J. M. The Name Moses. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 35, No. 2, 1919. p. 110-112.

Thot – mes – es – su

– Tutmosis

– Filho de
Tot
(o deus da
sabedoria)

Mes – es – su

– Moisés

– Filho de...

Tabela 1 – Os nomes egípcios de Ramsés, Tutmosis e Moisés⁶

Mas, se o nome de Moisés era egípcio, será que deveríamos tomar Êxodo 2.10 como explicação do mesmo? Ora, mesmo que o nome seja egípcio, a explicação pode estar neste mesmo texto bíblico. É justamente por isso que tanto Flávio Josefo⁷ quanto Filo de Alexandria⁸, entendendo se tratar de um nome egípcio, pensaram que o nome “Moisés” derivaria da palavra egípcia para “água”, afinal, o texto afirma “porque das águas o tirei”⁹. A explicação de Flávio Josefo, porém, parece um tanto quanto forçada: “Pois os egípcios chamam a água de *mo*, e aqueles que são salvos da água de *uses*”¹⁰. Como indicou J. R. Towers, apesar do que Josefo chama de “*mo*” poder de fato ser o *mu* egípcio, o “*uses*” não encontra uma explicação plausível. Não é menos forçada, porém, a interpretação de Towers, segundo a qual Moisés teria como significado “como o Sol” em egípcio, desvinculando a origem do nome do relato bíblico. Uma explicação, talvez mais coerente biblicamente, seria a de que originalmente o nome de

⁶ Tabela baseada em: GUSSO, Antônio Renato. *O Pentateuco – Introdução fundamental e auxílios para a interpretação*. Curitiba: A. D. Santos, 2011, p. 54 (com modificações).

⁷ Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 2.9.6.

⁸ Filo de Alexandria, *Vita Moys.*, 1.4.

⁹ GRIFFITHS, 1953.

¹⁰ TOWERS, J. R. The Name Moses. *Journal of Theological Studies*, vol. 36, 1935. p. 407-409.

Moisés teria um sufixo relacionado a uma divindade (? + *moses*). Mas, qual divindade? Se levarmos em conta o texto de Êxodo 2.10, segundo o qual seu nome foi escolhido em virtude de ter sido retirado das águas, é bem possível que possa ter sido o nome do deus Hapi, o deus do Nilo (*Hapi-moses*). Se assim for, quando este “Hapimoses” decidiu seguir a religião israelita, não era adequado que mantivesse o nome relacionado a uma divindade egípcia, retirando o prefixo “Hapi”, e mantendo seu nome somente como “*moses*”, Moisés.

Seja como for, Moisés foi, com certeza, o nome hebraico mais mencionado tanto na literatura judaica como ainda na literatura pagã da antiguidade pré-cristã. Afinal, Moisés é o personagem pelo qual os gregos vem a conhecer a história judaica, de modo que nos relatos gregos Moisés é apresentado inclusive com funções que não possui no relato tradicional judaico¹¹. Hecateu de Abdera¹², por exemplo, confere a Moisés até mesmo a fundação da cidade de Jerusalém – algo que, apesar de valorizar a figura do legislador judeu, não acompanha a tradição judaica¹³. De modo semelhante os egípcios, apesar de estabelecerem uma tradição antijudaica, a centralizam justamente em Moisés, que passa a ser, nos relatos egípcios, uma figura bastante negativa, às vezes sendo associado à lepra – tida como marca da impureza para os egípcios – e, inclusive, à profanação e saque de templos¹⁴, transformando completamente o relato do Êxodo em comparação

¹¹ A respeito das divergências entre o relato de Hecateu de Abdera e a tradição bíblica a respeito da história dos judeus e, principalmente, de Moisés, cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo; FRIGETTO, Renan. A identidade judaica e suas fronteiras no relato de Hecateu de Abdera. *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 1, 2018, p. 163-177 [166-168].

¹² Tal relato de Hecateu de Abdera foi preservado mediante uma citação de Diodoro Sículo (*Bibliotheca Historica*, 40.3), transcrita na *Bibliotheca* de Fócio (244). Para uma introdução, tradução ao português e análise do texto, cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. O relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus. *Hypnos*, v. 41, 2º Sem., 2018, p. 166-192.

¹³ A respeito da tradição extra-bíblica de Moisés como fundador de Jerusalém, cf. MORO, Caterina. Mosè fondatore di Gerusalemme. *Studi e materiali di storia della religione*, Vol. 75, No. 1, 2009, p. 117-131.

¹⁴ Sobre as várias imagens de Moisés nos autores gregos e egípcios do período helenístico, cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no mundo helenístico. *Revista Jesus Histórico*, v. 9, n. 17, 2016b, p. 116-132; GAGER, John G. *Moses in the Greco-Roman Paganism*. Nashville: Abigdon Press, 1972.



à versão bíblica, valendo-se de fontes e, principalmente, da perspectiva judaica¹⁵.

2. O NOME DE MOISÉS NO PERÍODO HELENÍSTICO

Também, para os próprios judeus, a imagem de Moisés se modifica ao longo do período helenístico, sendo revalorizada ao ponto de este personagem ser apresentado como um filósofo ao estilo grego¹⁶, assim como os textos a respeito de Moisés são também intensamente analisados, discutidos e comentados, seja com percepções exegéticas ou ainda com o relato de tradições das mais variadas, as quais incluem histórias a respeito do sogro de Moisés¹⁷, por exemplo, ou até mesmo de uma ascensão de Moisés aos céus em busca da Lei de Deus¹⁸.

Deste modo, a tradição judaica a respeito de Moisés parte do texto bíblico mas o expande, estabelecendo novos elementos para as histórias tais como a “predição de seu nascimento, seu descaso pela coroa do Egito, suas vitórias como um general egípcio, e seu papel de liderança na cultura egípcia”¹⁹. Deste modo não somente um judeu compositor de tragédias, Ezequiel, escreve uma obra (conhecida como *Exagoge*) sobre a vida de Moisés²⁰, mas também outros autores buscam reescrever a história

¹⁵ Sobre esta reconfiguração do relato do Êxodo por autores egípcios, cf. GAGER, John G. Some Thoughts on Greco-Roman Versions of the Exodus Story. *Jewish History*, v. 12, n. 1, Spring 1998, p. 129-132; GRUEN, Erich S. The Use and Abuse of the Exodus Story. *Jewish History*, v. 12, n. 1, Spring 1998, p. 93-122.

¹⁶ Sobre a reconfiguração da imagem de Moisés pelos judeus no período helenístico, cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, n. 16, 2016a, p. 375-393.

¹⁷ Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Marido de sangue: uma interpretação de Êxodo 4.24-26 a partir da tradição judaica. *Vox Scripturae*, v. 25, n. 1, 2017a, p. 13-25 [21ss].

¹⁸ Cf. RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. Os chifres de Moisés: um estudo sobre Êxodo 34.29-30. *Reflexus*, Ano XI, n. 17, 2017b, p. 241-255 [247ss].

¹⁹ JEREMIAS, Joachim. *Moses*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (eds.). *Theological Dictionary of the New Testament*. Translated and Abridged in One Volume by Geoffrey W. Bromiley. Volume IV. Grand Rapids: Eerdmans; Paternoster Press, 1985, p. 848-873 [848].

²⁰ A respeito de Ezequiel, o trágico, e sua obra, cf. KOHN, Thomas D. “The Tragedies of Ezekiel”, *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, Vol. 43, 2002/2003, p. 5-12; ROBERTSON, R. G. “Ezekiel the Tragedian”, In: CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. Volume 2. Garden City: Doubleday, 1985. p. 803-819.



relatada pela tradição judaica, readequando os relatos e reformulando a imagem de personagens, a exemplo de Moisés, que é apresentado por Artapanus de Alexandria²¹ como um filósofo²², e por Flávio Josefo como um legislador ao estilo grego²³, tal como Licurgo, o legislador de Esparta²⁴.

3. O NOME DE MOISÉS NA VISÃO DE ANRÃO

Moisés se torna, no período helenístico, o grande símbolo do judaísmo tanto para judeus, que constroem sua identidade em grande medida centralizada neste personagem²⁵, como para gentios. Mesmo assim, porém, não havia consenso quanto ao nome “Moisés” ser, de fato, um nome hebraico. Apesar da origem hebraica do nome de Moisés parecer ser a intenção de Êxodo 2.10, esta ideia não era aceita de forma unânime: a origem egípcia foi indicada por Josefo e Filo, mas era também, com certeza, a opinião de muitos outros judeus. Em um conjunto de Manuscritos de Qumran chamado *Visão de Anrão* (4Q543-547), é até mesmo possível de se identificar o que seria o nome hebraico de Moisés, como indicado por Robert Duke²⁶. Assim como outros hebreus do Antigo Testamento que viveram em cortes estrangeiras, Moisés teria dois nomes. De fato, os outros casos são bem conhecidos:

²¹ Para o texto dos fragmentos de Artapanus traduzidos ao português e introduzidos, cf. RIOS, César Motta. Os fragmentos de Artapano: introdução e tradução. *Classica*, v. 27, n. 2, 2014, p. 195-208.

²² Sobre a imagem de Moisés em Artapanus, cf. RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 378-380; KÜGLER, Rob. Hearing the Story of Moses in Ptolemaic Egypt: Artapanus accommodates the tradition. In: HILHORST, Anthony; VAN KOOTEN, George H. (eds.). *The Wisdom of Egypt: Jewish, Early Christian, and Gnostic Essays in Honour of Gerard P. Luttikhuisen*. Leiden/Boston: Brill, 2005. p. 67-80.

²³ Sobre a imagem de Moisés na obra de Josefo, cf. especialmente: FELDMAN, Louis H. Josephus' Portrait of Moses: Part Two. *Jewish Quarterly Review*, Vol. 83, No. 1/2, jul.-oct. 1992. p. 7-50.

²⁴ Cf. FELDMAN, Louis H. Parallel Lives of Two Lawgivers: Josephus' Moses and Plutarch's Lycurgus. In: EDMONDSON, Jonathan; MASON, Steve; RIVES, James. (ed.). *Flavius Josephus and Flavian Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 209-242.

²⁵ Cf. RÖMER, Thomas. Moses outside the Torah and the construction of a diaspora identity. *Journal of Hebrew Scriptures*, Vol. 8, Article 15, 2008.

²⁶ DUKE, Robert. Moses' Hebrew Name: The Evidence of the *Vision of Amran*. *Dead Sea Discoveries*, Vol. 14, n. 1, 2007, p. 34-48.



Daniel/Beltessazar; Hananias/Sadraque; Misael/Mesaque; Azarias/Abede-Nego²⁷; Hadassa/Ester (Ester 2.7); José/Zafenate-Panéia (Gênesis 41.45). Da mesma forma, também Moisés poderia ter dois nomes, uma vez que, mesmo sendo hebreu, estaria em uma corte egípcia.

Ora, não seria adequado que seu pai hebreu, Anrão, tivesse lhe dado um nome? Como destacado por Duke, apesar do nome de Moisés aparecer somente em Êxodo 2.10, nos versos 1-3 é dito que Moisés havia ficado *três meses* na casa de seus pais, antes de ser colocado em um cesto no Nilo. Seria bem possível que tivesse recebido um nome neste período, apesar dos seus pais ainda estarem em dúvida se teriam o filho vivo, pelo perigo em que se encontrava. Além destes três meses, porém, Moisés fica ainda mais tempo com seus pais, até ser “grande” (desmamado), quando passa a ser filho da princesa (Êxodo 2.10). Mesmo assim, porém, segundo *Jubileus* 47.9, Anrão continuou ensinando ele a escrever, até ter “três semanas” (ou seja, *21 anos*), quando foi levado à corte egípcia. É tempo mais do que suficiente para receber um nome hebraico!

O nome hebraico de Moisés, segundo Duke, seria Malaquias (*Mal'akyah*), estando presente no pedido de Anrão ao seu outro filho, Arão: “Chame por mim meu filho, *Mal'akyah(u)*, seu irmão, da casa do [faraó]” (4Q545, linhas 9-10)²⁸. A descoberta de Duke se deu por perceber que a palavra hebraica que Émile Puech havia traduzido como “mensageiros”, na verdade poderia ser um nome próprio. De fato, o nome Malaquias significa “mensageiro de Deus”, tendo diversos sentidos: “Ageu usa esta palavra para se referir a si mesmo (profeta), Zacarias usa esta palavra para um intermediário celestial, e Malaquias, apesar de ser seu próprio nome, utiliza esta palavra para se referir a sacerdotes”²⁹. Trata-se, portanto, de um nome um tanto quanto apropriado para Moisés, o maior entre

²⁷ Estes quatro primeiros casos estão em: Daniel 1.8.

²⁸ DUKE, 2007, p. 37.

²⁹ DUKE, 2007, p. 41.



todos os mensageiros de Deus no Antigo Testamento, ultrapassando todos os profetas e sacerdotes em importância. Como bem lembrou Duke, independente do autor da *Visão de Anrão* ter sido o primeiro a utilizar este nome ou ter seguido uma tradição pré-existente, trata-se de um nome que “claramente toca os vários papéis que Moisés desempenhou”³⁰.

4. OUTRAS FORMAS DO NOME DE MOISÉS

Se considerarmos que, em geral, os personagens do Antigo Testamento possuem nomes que lhes define bem – seja por defeito ou por qualidade –, teremos que admitir que Malaquias é, não somente um bom nome para Moisés, mas seu nome ideal.

Também não se pode evitar a comparação nesta situação. Afinal, *Malaquias* está muito próximo de outras formas pelas quais Moisés foi chamado, ao longo da história: *Melquiel* (Pseudo-Filo), *Melki* (Clemente de Alexandria), *Melkias* (Syncellus e Cedrenus), e *Amlâkyâ* (no *Livro da Abelha*)³¹. Cabe, portanto, um olhar mais atento para estas outras possibilidades.

Em sua obra *Liber Antiquitatum Biblicarum*, Pseudo-Filo indica o nome de Melquiel para Moisés: “[...] sua mãe o chamou Melquiel. E a criança foi criada e se tornou glorioso, acima de todos os homens, e através dele Deus libertou os filhos de Israel como foi dito”³². O nome Melquiel, cujo significado pode ser traduzido como “Deus é meu rei”, se aproxima de Malaquias não somente por semelhança como por adequação à função de Moisés como representante de Deus.

No caso do filósofo cristão Clemente de Alexandria, dois outros nomes são indicados para Moisés – um dado por seus pais (Joaquim), e outro dado pelos místicos, tendo caráter celestial (Melki): “Os pais deram um nome para a criança, e ele foi chamado Joaquim. E ele tinha um terceiro nome no céu, após sua

³⁰ DUKE, 2007, p. 44.

³¹ DUKE, 2007, p. 44.

³² Cf. DUKE, 2007, p. 44.



ascensão, e os místicos dizem [...] Melki”³³. Qualquer um com olhar atento perceberá que Melki é o mesmo nome que Melquiel, sem o sufixo “El” (Deus). Assim, o nome “místico” de Moisés seria justamente “Rei”, indicando seu caráter real.

Este caráter real também está presente nas posteriores descrições de George Syncellus e George Cedrenus, historiadores bizantinos. Segundo Syncellus, antes de ser nomeado “Moisés” pela princesa do Egito, “por seus pais, era chamado Melkias, pois Melkias é interpretado como rei”³⁴. Melkias, de modo semelhante a Melquiel (*Melki + el*), pode ser entendido como o nome Melki acrescido de um sufixo. O sufixo, neste caso, é o hebraico “*iah*”, normalmente transliterado para o grego como “*ias*” (*Melki + ias*) sendo o diminutivo de “Yahweh”, presente em diversos nomes próprios como Isaías, Jeremias, Ezequias, Ananias, etc. Por fim, o *Livro das Abelhas*, que data do século XIII d.C., também traz um nome semelhante: “Quando Moisés nasceu, Faraó, o rei, mandou que os recém-nascidos dos israelitas fossem jogados no rio³⁵. Moisés era belo em aparência, e ele era chamado Pantíl e Amlâkyâ”³⁶. Possivelmente Amlâkyâ seja uma variação siríaca (já que se trata de um texto siríaco) do nome Melquiel ou ainda Malaquias.

Ao longo de séculos, portanto, desde os Manuscritos de Qumran, podendo datar de antes de Jesus Cristo, até o *Livro das Abelhas*, no século XIII d.C., houve uma tradição na qual Moisés recebeu um nome hebraico. Se esta tradição começou em uma data ainda mais antiga que os textos de Qumran, não podemos saber. O que sabemos, no entanto, é que Moisés também foi chamado por outros nomes, que não tinham a pretensão de resgatar seu nome hebraico perdido, mas antes de lhe designar entre os gregos. Se as tradições mencionadas falam de um nome

³³ Clemente de Alexandria, *Stromata*, 1.23.153.1. Cf. DUKE, 2007, p. 45.

³⁴ George Syncellus, *Chronographia*. Cf. DUKE, 2007, p. 45.

³⁵ É interessante de se notar que nesta passagem o Nilo, a salvação de Moisés, é transformado na arma contra os recém-nascidos.

³⁶ *Livro das Abelhas*, Capítulo 27. Cf. DUKE, 2007, p. 46.



hebraico que Moisés recebeu de seus pais quando criança, Artapanus de Alexandria fala justamente o oposto, defendendo que Moisés “como homem adulto foi chamado Museu pelos gregos”³⁷. É claro que esta conexão foi feita para exaltar Moisés, relacionando-o com um personagem conhecido da mitologia grega, assim como outros, a exemplo de Hermes. Acontece, porém, que a escolha de Museu se deu também por conta da semelhança entre os seus nomes. Isto é evidente quando percebemos que a escolha mais prudente, da parte de Artapanus, seria relacionar Moisés com Orfeu e não com Museu, seu aprendiz. Acontece, porém, que para manter a semelhança de nomes, Artapanus escolhe Museu e inverte a relação: Orfeu se torna o discípulo e Museu se torna o mestre, a fim de que Moisés seja glorificado desta forma³⁸. Além de Artapanus, também o filósofo grego Numênio e o historiador Alexandre Polímata identificaram Moisés com Museu³⁹.

O filósofo neoplatônico Jâmblico, porém, faz uma identificação diferente, relacionando Moisés a Mochos de Sidom. Apesar desta relação entre o profeta hebreu e o sábio fenício não ser recorrente, é particularmente interessante justamente pela grande diferença entre eles. Há, de fato, certa semelhança pelo fato de que ambos ficaram conhecidos por apresentarem relatos da criação do cosmos, como lembra George Van Kooten⁴⁰. Mesmo assim, porém, as diferenças são marcantes, demonstrando se tratar muito mais de uma relação fortuita e forçada, tal como a identificação do Deus dos judeus (Yahweh) com Júpiter Sabázio e Dioniso⁴¹.

³⁷ Artapanus de Alexandria apud Eusébio de Cesaréia, *Praep. Ev.*, 9.27.3.

³⁸ Cf. KUGLER, 2005, p. 67-80.

³⁹ Numênio, fragmento 9; Alexandre Polímata apud Eusébio de Cesaréia, *Praep. Ev.*, 9.27.4. Cf. VAN KOOTEN, George H. “Moses/Musaeus/Mochos and his god Yahweh, Iao, and Sabaoth, seen from a Graeco-Roman perspective”, In: VAN KOOTEN, George H. (ed.). *The Revelation of the Name YHWH to Moses: Perspectives from Judaism, the Pagan Graeco-Roman World, and Early Christianity*. Leiden/Boston: Brill, 2006, p. 107-138.

⁴⁰ VAN KOOTEN, 2006, p. 125.

⁴¹ Cf. VAN KOOTEN, 2006, p. 134.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nome de Moisés, portanto, teve um amplo uso, e até mesmo certo abuso, por parte dos pagãos. Mesmo assim, porém, apesar de não se comparar ao nome divino, um verdadeiro mistério, o nome de Moisés foi um verdadeiro enigma, podendo até mesmo ter sido considerado sagrado por alguns judeus – o que é defendido por Tomasz Derda a partir da sua constatação de que seu uso foi evitado até meados do século IX d.C.⁴²

Se, por um lado, cada nome hebraico era *mais do que um nome* por indicar uma característica ou ainda a missão da pessoa que o possuía, por outro lado é bem possível que Moisés possuísse *mais do que um nome*, tendo um nome hebraico e um nome egípcio. Também, no primeiro sentido, poderia ser que seu nome “Moisés” fosse *mais do que um nome*, por demonstrar seu comprometimento com a religião israelita, abandonando o nome da divindade egípcia ao qual estava ligado.

Por fim, seja qual fosse seu nome hebraico (e se de fato teve um, evidentemente), também teria sido *mais do que um nome*, por representar as funções que este personagem bíblico apresentou, transformando não somente a história do povo israelita como ainda a história de toda a humanidade. Afinal, Moisés foi de fato um Malaquias, um mensageiro de Deus para a humanidade, anunciando a vinda daquele que, além de profeta, seria ainda Emanuel, “Deus conosco”, enquanto a própria presença divina entre nós: Jesus Cristo, salvador e salvação oferecida à humanidade. Afinal, *Yeshua* (que provém de *Yehoshua*), o nome hebraico de Jesus, indica o caráter salvador que sua vida teve para nós: quer dizer “Deus salva” ou ainda “salvação de Deus”. Ele é, portanto, mais do que um mensageiro da salvação: é

⁴² Esta é a tese de Tomasz Derda, formulada em um artigo em 1997. A tese de Derda, no entanto, não é incontestável: foi alvo de intensas críticas de Margaret H. Williams, com a qual Derda estabeleceu um longo debate na revista *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, entre 1997 e 2002. Cf. DERDA, Tomasz. Did the Jews use the name of Moses in Antiquity? *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Vol. 115, 1997. p. 257-260.



a própria salvação anunciada. Se o nome de Moisés lhe engrandece, o nome de Jesus é engrandecido por quem ele é. Este nome se torna, assim, não somente símbolo de poder, sendo o “nome que é sobre todo nome” (Filipenses 2.9b)⁴³, mas também de autoridade, pois todo joelho se dobrará diante deste nome (Filipenses 2.10).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERDA, Tomasz. **Did the Jews use the name of Moses in Antiquity?** *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, Vol. 115, 1997. p. 257-260.

DUKE, Robert. **Moses' Hebrew Name:** The Evidence of the Vision of Amran. *Dead Sea Discoveries*, Vol. 14, n. 1, 2007, p. 34-48.

FELDMAN, Louis H. **Josephus' Portrait of Moses:** Part Two. *Jewish Quarterly Review*, Vol. 83, No. ½, jul.-oct. 1992. p. 7-50.

FELDMAN, Louis H. **Parallel Lives of Two Lawgivers: Josephus' Moses and Plutarch's Lycurgus.** In: EDMONDSON, Jonathan; MASON, Steve; RIVES, James. (ed.). *Flavius Josephus and Flavian Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 209-242.

FREUD, Sigmund. **Moisés e a religião monoteísta.** Lisboa: Guimarães Editora, 1990.

GAGER, John G. **Moses in the Greco-Roman Paganism.** Nashville: Abigdon Press, 1972.

GAGER, John G. **Some Thoughts on Greco-Roman Versions of the Exodus Story.** *Jewish History*, v. 12, n. 1, Spring 1998, p. 129-132.

GRIFFITHS, J. Gwyn. **The Egyptian Derivation of the name Moses.** *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 12, n. 4, Oct. 1953. p. 225-231.

GRUEN, Erich S. **The Use and Abuse of the Exodus Story.** *Jewish History*,

⁴³ Como bem indicado por Bert-Jan Lietaert Peerbolte, a expressão “nome sobre todo nome” tem, dentro da sua construção teológica, o papel de indicador do fato de que Deus fez Cristo ser seu igual (PEERBOLTE, 2006, p. 206).



v. 12, n. 1, Spring 1998, p. 93-122.

GUSSO, Antônio Renato. **O Pentateuco** – Introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: A. D. Santos, 2011.

JEREMIAS, Joachim. *Moses*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G. (eds.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Translated and Abridged in One Volume by Geoffrey W. Bromiley. Volume IV. Grand Rapids: Eerdmans; Paternoster Press, 1985, p. 848-873.

KOHN, Thomas D. “The Tragedies of Ezekiel”, Greek, Roman, and Byzantine Studies, Vol. 43, 2002/2003, p. 5-12.

KUGLER, Rob. “Hearing the Story of Moses in Ptolemaic Egypt: Artapanus accommodates the tradition”, In: HILHORST, Anthony; VAN KOOTEN, George H. (eds.). **The Wisdom of Egypt: Jewish, Early Christian, and Gnostic Essays in Honour of Gerard P. Luttikhuisen**. Leiden/Boston: Brill, 2005. p. 67-80.

MORO, Caterina. **Mosè fondatore di Gerusalemme**. Studi e materiali di storia della religione, Vol. 75, No. 1, 2009, p. 117-131.

PEERBOLTE, Bert-Jan Lietaert. *The Name Above All Names* (Philippians 2:9). In: VAN KOOTEN, George H. (ed.). **The Revelation of the Name YHWH to Moses: Perspectives from Judaism, the Pagan Graeco-Roman World, and Early Christianity**. Leiden/Boston: Brill, 2006. p. 187-206.

POWIS SMITH, J. M. **The Name Moses**. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, Vol. 35, No. 2, 1919, p. 110-112.

RIOS, César Motta. **Os fragmentos de Artapáno**: introdução e tradução. *Classica*, v. 27, n. 2, 2014, p. 195-208.

ROBERTSON, R. G. “Ezekiel the Tragedian”, In: CHARLESWORTH, James H. (ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha**. Volume 2. Garden City: Doubleday, 1985. p. 803-819.

RÖMER, Thomas. **Moses outside the Torah and the construction of a diaspora identity**. *Journal of Hebrew Scriptures*, Vol. 8, Article 15, 2008.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **A imagem de Moisés no judaísmo**



helenístico. *Reflexus*, Ano X, n. 16, 2016a, p. 375-393.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **A imagem de Moisés no mundo helenístico.** *Revista Jesus Histórico*, v. 9, n. 17, 2016b, p. 116-132.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo; FRIGHETTO, Renan. **A identidade judaica e suas fronteiras no relato de Hecateu de Abdera.** *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 1, 2018, p. 163-177.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Marido de sangue:** uma interpretação de Êxodo 4.24-26 a partir da tradição judaica. *Vox Scripturae*, v. 25, n. 1, 2017a, p. 13-25.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **O relato de Hecateu de Abdera sobre os judeus.** *Hypnos*, v. 41, 2º Sem., 2018, p. 166-192.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Os chifres de Moisés:** um estudo sobre Êxodo 34.29-30. *Reflexus*, Ano XI, n. 17, 2017b, p. 241-255.

TOWERS, J. R. The Name Moses. *Journal of Theological Studies*, vol. 36, 1935. p. 407-409.

VAN KOOTEN, George H. *Moses/Musaeus/Mochos and his god Yahweh, Iao, and Sabaoth, seen from a Graeco-Roman perspective.* In: VAN KOOTEN, George H. (ed.). **The Revelation of the Name YHWH to Moses:** Perspectives from Judaism, the Pagan Graeco-Roman World, and Early Christianity. Leiden/Boston: Brill, 2006. p. 107-138.

ZIOLKOWSKI, Theodore. **Uses and abuses of Moses:** literary representations since the Enlightenment. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2016.

